

SER Social

COMUNICAÇÕES E
POLÍTICAS SOCIAIS

Brasília (DF), v. 27, nº 56, de janeiro a julho de 2025

Robôs falantes, inteligência artificial e impactos na comunicação

Talking robots, artificial intelligence and impacts on communication
Robots parlantes, inteligencia artificial e impactos en la comunicaci3n

Ruth de Cássia dos Reis¹

<https://orcid.org/0000-0003-3571-3580>

Recebido em: 23/09/2024

Aprovado em: 12/11/2024

Resumo: O surgimento recente das ferramentas de inteligência artificial (IA) baseadas em processamento de linguagem natural abre novas questões para uma sociedade midiaticizada e com ampla conectividade. As IA generativas, com capacidade de produzir textos, imagens e vídeos, já começam a ocupar espaço em diversas dimensões da atividade social. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, buscamos entender as repercussões dessas tecnologias para a produção e circulação de conteúdos no atual sistema de comunicação em rede, com ênfase nas ameaças de incremento da desinformação, além das implicações

1 Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio pós-doutoral em Comunicação pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Jornalista e professora titular da UFES. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2483123134241477>>. E-mails: <ruth.reis@ufes.br> e <ruthdosreis@gmail.com>.

para o jornalismo e o direito à comunicação. Entre as conclusões, apontamos o risco de que essas ferramentas propaguem mais preconceito e comprometam ainda mais a qualidade e a confiabilidade da informação jornalística, já observada na automatização de certos tipos de notícias. Tais desafios exigem medidas para garantir o uso responsável e ético dessas tecnologias no ambiente comunicacional, como a regulação, a transparência e o letramento comunicacional.

Palavras-chave: inteligência artificial; comunicação; ChatGPT; desinformação; viés de discurso.

Abstract: The recent emergence of artificial intelligence (AI) tools based on natural language processing raises new questions for a media-driven society with broad connectivity. Generative AIs, capable of producing texts, images, and videos, are already beginning to occupy space in various dimensions of social activity. Based on bibliographic and documentary research, we seek to understand the repercussions of these technologies for the production and circulation of content in the current networked communication system, with an emphasis on the threats of increased disinformation, in addition to the implications for journalism and the right to communication. Among the conclusions, we point out the risk that these tools will propagate more prejudice and further compromise the quality and reliability of journalistic information already observed in the automation of certain types of news. Such challenges require measures to ensure the responsible and ethical use of these technologies in the communication environment, such as regulation, transparency, and communication literacy.

Keywords: artificial intelligence; communication; ChatGPT; misinformation; discourse bias.

Resumen: La reciente aparición de herramientas de inteligencia artificial (IA) basadas en el procesamiento del lenguaje natural abre nuevas preguntas para una sociedad mediatizada y con amplia conectividad. Las IA generativas con capacidad de producir textos, imágenes y vídeos ya están empezando a ocupar espacio en diferentes dimensiones de la actividad social. A partir de investigaciones bibliográficas y documentales, buscamos comprender las repercusiones de estas tecnologías para la producción y circulación de contenidos en el actual sistema

de comunicación en red, con énfasis en las amenazas de la creciente desinformación, además de las implicaciones para el periodismo y el derecho a la comunicación. Entre las conclusiones, señalamos el riesgo de que estas herramientas difundan más prejuicios y comprometan aún más la calidad y confiabilidad de la información periodística ya observado en la automatización de ciertos tipos de noticias. Tales desafíos requieren medidas para garantizar el uso responsable y ético de estas tecnologías en el entorno de la comunicación, como la regulación, la transparencia y la alfabetización comunicacional.

Palabras clave: inteligencia artificial; comunicación; ChatGPT; desinformación; sesgo del discurso.

Introdução

O desenvolvimento recente de dispositivos baseados em processamento de linguagem natural treinados em grandes modelos de dados (LLM – *large language model*) inaugura mais uma etapa na experiência de comunicação, ao inserir um novo mediador na sociedade, cuja atuação se concentra principalmente na criação de conteúdos textuais e imagéticos. A capacidade desses dispositivos de gerar respostas imediatas, criativas e convincentes é proporcional à velocidade e à abrangência com que se disseminam, permitindo inferir que se tornam entes robóticos com amplo potencial de sociabilidade e inserção nas relações humanas, impactando as formas com que interagimos, recebemos e assimilamos informações e realizamos nossas atividades profissionais em vários campos de atuação.

Embora a inteligência artificial já esteja presente em nosso cotidiano, até o lançamento dos atuais novos produtos de IA generativa, ela tinha uma atuação mais discreta, integrada a aplicativos, automatizando uma série de funções e sustentando os recursos (*affordances*) que organizam e determinam a relação entre o humano e a máquina. Foi a partir do surgimento de aplicativos geradores de textos e imagens e, principalmente, a partir da apresentação pública do *chatbot* ChatGPT, no final de 2022, que a atual virada de chave para uma outra etapa das tecnologias digitais começou a acontecer e a ser percebida de forma mais massiva e veloz. A versão *chatbot* trouxe o que parecia impossível: um sistema artificial que pode “conversar” de forma muito semelhante

a um humano. No universo da inteligência artificial, os *chatbots* são programas com capacidade de estabelecer interações por texto escrito ou oral com usuários humanos. “Eles também são conhecidos como *bots* inteligentes, agentes interativos, assistentes digitais ou entidades de conversação artificiais” (ADAMOPOULOU *et al.*, 2020, p. 373).

E o que nos dizem esses robôs falantes neste momento, em que emergem na cena cotidiana? Como eles impactarão efetivamente o nosso fazer e o nosso pensar? Em que medida os discursos que enunciam atuarão para melhorar e qualificar o ambiente comunicacional ou para acentuar conflitos e polarizações? Que implicações podem ser observadas no campo da comunicação? O objetivo deste artigo é identificar e discutir as repercussões que a popularização das novas ferramentas de produção automatizada de textos e imagens pode trazer, considerando o quadro de desinformação que encontramos na atualidade. Também se propõe compreender como o jornalismo, instância profissional de relevo na produção e circulação de informações sobre o presente, vem se apropriando desses instrumentos. A perspectiva do direito à comunicação é mobilizada para discutir essas questões, uma vez que ele é considerado como uma dimensão da cidadania que implica não apenas o acesso às materialidades midiáticas, mas também ao conjunto de poderes e saberes que elas fazem circular.

O campo da comunicação é fortemente marcado pela midiaticização, entendida – segundo a forma proposta por Sodré (2021) – não somente como o processo massivo de múltiplas trocas e conexões informacionais, que se tornou uma realidade inexorável na vida social, mas também como mobilizadora das dinâmicas econômicas e de poder, dos afetos e das subjetividades. “Midiaticização é basicamente um fenômeno discursivo, tal e qual explicitado no conceito foucaultiano de discurso [...]. Ou seja, não um conceito puramente linguístico, mas um conjunto de regras geradoras de sentido e capazes de modelar e influenciar as ações sociais” (SODRÉ, 2021, p. 122). A crescente expansão das mídias digitais trouxe inúmeras mudanças que incrementaram a midiaticização, abarcando quase todas as formas de realização da vida. A cultura, a política, o trabalho, a convivência social e até mesmo as relações privadas são realizadas com a interveniência de uma estrutura tecnológica complexa, envolvente e individualizada, com um *ethos* próprio, que transforma a mídia em modelo de referência para a produção do social, que Sodré (2013) denomina *bios* midiático.

Esta é uma pesquisa exploratória, que adota como método a revisão bibliográfica e documental. As obras acadêmicas compreendem, além de livros, artigos em periódicos nacionais e internacionais localizados por meio de pesquisa realizada com palavras-chave em plataformas como Google Acadêmico, Scispace, Scielo e Portal de Periódicos Capes, aplicando-se critérios de relevância e com data de publicação a partir de 2020 na maior parte deles. A pesquisa documental abarca notícias e dados publicados em *sites* jornalísticos ou de organizações sociais de reputação.

A partir da seleção de obras e documentos, discutimos o tema da inserção das IA generativas, tomando como variáveis de análise: (I) os riscos que podem oferecer ao incremento da desinformação pela via dos vieses de discurso; (II) o papel e as responsabilidades dos desenvolvedores de IA generativas e das plataformas digitais presentes no ecossistema de comunicação; (III) a questão da regulamentação; e (IV) o letramento comunicacional. Consideramos que o debate dessas questões interessa ao conjunto da sociedade, que, historicamente, constrói formas de produção e manutenção de seus vínculos, nos quais os processos, as formas e os modelos midiáticos são decisivos para a vida política, econômica e cultural.

A inteligência artificial e a chegada dos robôs falantes

É atribuída ao cientista da computação estadunidense John McCarthy a criação da expressão inteligência artificial (IA), em 1956, em Dartmouth, EUA, em um *workshop* que foi considerado o momento de nascimento oficial da IA. A já longa história da IA é apresentada por Bonaldo (2023) em três grandes abordagens: uma organizada segundo a ótica do progresso técnico da indústria; outra, sob a regência da crítica da técnica, com contornos político-econômicos e guiada pela evolução dos algoritmos; e uma terceira, também organizada segundo os avanços tecnológicos, porém de caráter tecnofuturista.

A primeira abordagem é marcada pelos movimentos iniciais em busca de uma lógica computacional e algorítmica nos anos de 1940, seguidos pelo seminário no Dartmouth College e por outros eventos até chegar à fase atual, com o desenvolvimento do modelo de redes neurais. A segunda abordagem adota uma perspectiva crítica e sugere que o desenvolvimento das tecnologias pode ser dividido em três eras:

a analógica, até 1945; a digital, de 1946 a 1998, marcada pelo surgimento e pela popularização dos computadores; e a era das plataformas, impulsionada pelo lançamento de ferramentas como o buscador Google. Já a terceira abordagem aponta para um amadurecimento crescente da capacidade de processamento digital, até o ponto em que alcançaríamos uma superinteligência de máquina autônoma, ligada ao projeto de criação da inteligência artificial geral (AGI). Tal projeção refere-se ao conceito de “singularidade tecnológica”, no qual as máquinas se autoaperfeiçoariam continuamente, superando a inteligência humana. O movimento singularista postula que essa superinteligência poderia até adquirir e manter qualidades morais de forma mais permanente do que o ser humano. No entanto, um ente robótico com alto grau de autonomia pode levar os humanos a uma condição de subalternidade ou até ocasionar a eliminação da existência humana (ALVES, 2008).

A ascensão atual dos modelos LLM para o processamento de linguagem natural deve-se à criação das redes neurais e, mais especificamente, de uma arquitetura chamada *Transformer*, apresentada por uma equipe do Google em 2017 (VASWANI *et al.*, 2023). A geração de imagens também é beneficiada pelo amadurecimento das redes neurais e pelo aprendizado da máquina. Segundo Dias (2000), os modelos cognitivos usados na computação são divididos em dois tipos: o simbólico (mais interpretativo) e o conexionista (que se baseia na estrutura dos neurônios e no funcionamento cerebral humano). É com o tipo de rede conexionista que operam ferramentas como ChatGPT, Gemini, Claude e Llama (para a geração de textos) e Dall·E, Midjourney, Stable Diffusion e outras (para a criação de imagens).

A forma *chatbot*, com interface e usabilidade extremamente simples, permite a obtenção de respostas para inúmeras demandas, bastando para isso que escrevamos ou falemos frases curtas (*prompts*) para solicitar o que desejamos: desde uma informação sobre qualquer assunto até a realização de diferentes tarefas. No campo das imagens, tais aplicativos são capazes de produzir fotografias e vídeos com alto grau de realismo. O mesmo ocorre com os sons, já que os referidos aplicativos podem clonar vozes e aplicá-las a quaisquer conteúdos orais. Trata-se de soluções de IA generativas que já estão em ampla circulação e produzindo mudanças e repercussões em diversas áreas, mais propriamente na produção intelectual. Veja-se, por exemplo, a greve desencadeada em Hollywood para criar limites e novos pactos trabalhistas para o processo

crescente de substituição do trabalho humano pela inteligência artificial (“Greve [...]”, 2023) ou as previsões de extinção de postos de trabalho humano devido à IA (BERNARDI, 2024).

Os recursos de IA podem ser reconhecidos como valiosos se mobilizados para os avanços sociais, culturais e políticos na perspectiva de uma sociedade inclusiva, solidária e democrática, mas também podem aprofundar desigualdades, violências, preconceitos, manipulações e explorações, além de impulsionarem modelos econômicos altamente concentrados, excludentes e precarizantes, como já são observados atualmente. No campo da comunicação humana, eles têm um potencial para produzir ganhos; contudo, são também reais as chances de que eles ampliem a desinformação, com a disseminação de *fake news*, *deep fakes*, teorias da conspiração e negacionismos de todos os níveis. Por isso, é importante que se promovam reflexões sobre tais questões e exercícios de antecipação dos riscos, a fim de evitá-los e para buscar o aperfeiçoamento dessas tecnologias e sua destinação adequada.

Transformações no campo da comunicação

Vivemos hoje em um território comunicacional que se organiza na forma de uma grande teia social múltipla e complexa. Como afirma Sodré (2002; 2021), uma das marcas do século XXI é a midiaticização da vida cotidiana, com seus dispositivos sociotécnicos conectados diretamente a um amplo projeto de desenvolvimento do capitalismo, especialmente o financeiro. Materializado em plataformas de redes sociais controladas por empresas transnacionais – as chamadas *big techs* (MOROSOV, 2018) –, esse território comunicacional-midiático proporciona não apenas o suporte para a circulação de inúmeros tipos de conteúdos e mensagens despejados diariamente por uma infinidade de atores singulares, como funciona também segundo diretrizes de produção, distribuição e consumo algoritmizadas, determinadas por tais empresas.

As interações entre usuários dessa rede também são operadas pelas definições quase nada transparentes das plataformas, tendo como base os rastros digitais deixados por todos aqueles que as utilizam, que se convertem em ativos para as *big techs*, uma vez que são transformados em valor e lucro, fenômeno que Zuboff (2021) denomina capitalismo de vigilância. Em 2023, o número de usuários ativos nas redes sociais superava 5 bilhões, o que corresponde a 62,3% da população mundial.

No Brasil, 187,9 milhões de pessoas – do total de 212,6 milhões que compõem a população brasileira – têm acesso à *internet* e dispõem de mais de 9 horas por dia acessando conteúdos diversos, entre as quais 3 horas e 37 minutos usando as mídias sociais. A busca por informações (78,7%) é a razão mais apontada pelos pesquisados para o uso dessas mídias (KEMP, 2024).

No ecossistema de comunicação contemporâneo, as tecnologias digitais e os equipamentos móveis nos proporcionaram instrumentos relevantes de produção e de participação na vida social, tornando a sociedade atual mais equipada para captar, reunir e gerenciar informações e incrementando a capacidade de registro e documentação do presente. É importante reconhecer que há projetos e produtos de qualidade disponíveis para quem quiser e souber se apropriar deles e que os avanços tecnológicos podem promover inúmeros ganhos. No entanto, essas novas possibilidades de vivência comunitária e de construção de vínculos sociais vêm impondo um paradoxo: ao mesmo tempo em que conseguimos alcançar fabulosos níveis de conhecimento, observamos o crescimento de tensões e conflitos, intolerância e violência. A sensação é a de que as mediações até então conhecidas, oriundas da moral, da ética e da política e dos seus respectivos equipamentos sociais e institucionais – família, partidos, sindicatos, imprensa, Estado, dentre outros –, não mais atuam para conter emoções, ódios, dissabores e contrariedades. Também temos visto o recrudescimento do conservadorismo, com as tensões promovidas pela extrema direita, que vem ganhando terreno em diversos países, inclusive no Brasil, além das ameaças aos sistemas democráticos, mobilizadas por meio das redes sociais e dos aplicativos de mensagens. Ameaças que podem ser exemplificadas pelas invasões ao Capitólio dos Estados Unidos em 2020 (“Invasão [...]”, CNN Brasil, 2024) e às sedes dos Três Poderes no Brasil em 8 de janeiro de 2023 (CAMAZANO, 2023).

A esses primeiros movimentos de transformação proporcionados pela inteligência artificial atuando no interior dos dispositivos midiáticos e favorecendo a criação de uma densa camada de conteúdos produzidos por humanos, temos agora que acrescentar as produções oriundas dos novos entes robóticos. As preocupações em relação à disseminação das IA generativas no campo da comunicação se concentram, sobretudo, na qualidade dos conteúdos por elas gerados. Como foi demonstrado em diversas pesquisas e experimentos científicos nos primeiros dois

anos de uso dos robôs falantes, há riscos de que tais ferramentas gerem alucinações – como têm sido chamadas as combinações de palavras sem amparo no real ou na razoabilidade (AHMADI, 2024) – e produzam e reproduzam respostas tendenciosas (KATZENBACH, 2021).

Os resultados equivocados surgem nos modelos de LLM porque eles são programados para calcular probabilidades de encadeamento de palavras, a fim de construir enunciados semelhantes aos de um humano. As formulações discursivas que entregam não decorrem de julgamentos ou de confirmação de fatos empíricos. Elas refletem o aprendizado da máquina realizado em bases de dados, apresentados em textos convincentes e linguisticamente coerentes, de modo que, mesmo enganosos, podem ser tomados como verossímeis. Também decorrem da natureza do funcionamento desses sistemas de aprendizagem por métodos não supervisionados e autossupervisionados, como explica Ahmadi (2024, p. 6): “À medida que o modelo se envolve no intrincado processo de mecanismos de autoatenção, atribuindo pesos aos componentes e integrando ideias, o risco de informações falsas surge”. Portanto, a fase atual de desenvolvimento aponta que a supervisão humana é necessária.

Os vieses algorítmicos vêm sendo estudados desde antes da explosão dos modelos de linguagem generativa, conforme mostram Silva e Rodrigues (2024), que identificam preconceitos de gênero, raça, religião e política, dentre outras dimensões socioculturais. No caso das IA de LLM, os conteúdos gerados também carregam toda a sorte de tendenciosidades presentes nas bases de dados usadas para treinamento, como estudos recentes têm demonstrado (LAURITO et al., 2024; ZHOU et al., 2024). Não seriam uma particularidade dos robôs a produção e a disseminação de informações falsas, pois os humanos têm demonstrado fartamente que são capazes de mentir e enganar. Um dos fenômenos produzidos pela comunicação digital é a desinformação (*dis-information*), entendida como uma informação falsa deliberadamente compartilhada com a intenção de causar dano. Constitui um conceito que se firmou a partir do relatório elaborado por Wardle e Derakhshan (2023) e publicado pelo *Council of Europe* em 2017. Outros dois tipos também foram encontrados: *mis-information* (informação falsa veiculada sem o propósito de ocasionar dano) e *mal-information* (informação genuína que é compartilhada com a intenção de acarretar danos).

Trata-se de um conjunto de produções tendenciosas e de baixa qualidade que também servem para o treinamento das IA generativas e

que contribuem para que os robôs falantes se tornem máquinas eficientes de propagação de preconceitos, proposições falsas e de violências, já arraigados nas formações sociais e discursivas, presentes nos dados. Considere-se também que a disseminação de tais recursos tende a acrescentar ainda mais informações, que retroalimentarão os referidos sistemas. Com isso, é possível especular o risco de deterioração informacional, com perda de qualidade e integridade, de modo que, em um futuro próximo, seja possível haver uma camada informacional produzida apenas por máquinas, podendo ser considerada uma tendência muito provável de que os humanos deleguem a elas a produção dos conteúdos postos em circulação.

Os vieses algorítmicos são reconhecidos pelos programadores dos *chatbots* de linguagem generativa, o que pode ser confirmado pela ocorrência de alertas inseridos nos finais de algumas respostas, de maneira a orientar os usuários a confirmar as informações fornecidas e nas diversas situações em que são usadas palavras e expressões condicionais que indicam insegurança nas informações geradas. Portanto, há para os usuários uma transferência da responsabilidade pelo uso dos *outputs* gerados, ficando a interrogação sobre a responsabilidade das empresas proprietárias das plataformas que publicam e das que mantêm os assistentes virtuais geradores desses conteúdos.

IA no jornalismo: avanço gradual e implicações

A inteligência artificial também traz implicações para a produção midiática profissional, no interior da qual se situa o jornalismo. Segmento que, desde o século XVIII, tem ocupado importante espaço na produção e circulação de informações, o jornalismo vem sendo fustigado pelas mídias e plataformas digitais em sua estrutura empresarial e mercadológica adquirida na modernidade e em seu modelo de negócios. Mídias e plataformas que drenaram, para o seu próprio proveito, a principal fonte de financiamento do jornalismo, trazendo como consequência a morte de diversos títulos jornalísticos e a necessidade de que o referido campo profissional se reinventasse, transferindo-se da base tecnológica anterior para a atual e construindo novas formas de financiamento, narração e relações com os consumidores (BELL *et al.*, 2017).

Sistema de produção informacional que tem a credibilidade como principal capital simbólico, devido às suas técnicas de processo

comunicativo baseadas em uma sempre desejada objetividade, o jornalismo, em seu percurso de adaptação às novas tecnologias, também se vê às voltas com as IA generativas. Segundo Canavilhas (2023) e Franganillo (2023), a produção automática de textos já é uma realidade em jornais impressos e *on-line*. Em busca de uma história do uso de IA no jornalismo, Canavilhas (2023, p. 23) constrói três fases: de 2010 a 2013, com experiências localizadas em um pequeno grupo de mídias nos EUA; de 2014 a 2017, com o aumento do número de casos por todo o mundo; e de 2018 a 2022, período de maior procura por esse tipo de ferramenta. Franganillo (2023) mostra que periódicos jornalísticos e agências de notícias usam geradores de linguagem natural para automatizar textos, principalmente de notícias baseadas em dados quantitativos.

O Brasil ainda ocupa posição marginal em relação ao acesso a recursos tecnológicos de IA, segundo amplo estudo conduzido por Pinto e Barbosa (2024), durante o período de 2018 a 2023. “As diferenças transnacionais na distribuição de tecnologia, que se baseia, entre outras coisas, na distribuição do capital” (PINTO; BARBOSA, 2024, p. 328), seriam a razão para o quadro atual. Entre os 23 veículos de comunicação e instituições brasileiras que promoveram iniciativas de IA, 40% foram criadas pelas mídias digitais nativas, enquanto que a mídia tradicional criou apenas 28%. Entre os recursos desenvolvidos, os principais eram destinados à visualização de dados, notificações aos usuários, verificação de *fake news* e “raspagem” (*scraping*) de bases de dados em redes sociais e nas páginas *web*. A redação de notícias por *chatbots* foi adotada em 13% das iniciativas, enquanto a geração de imagens foi utilizada em apenas 4%. A maior parte das soluções de IA no jornalismo (65%) dependia de supervisão humana.

Em pesquisa sobre notícias redigidas pelos dispositivos de IA, Zandomênicó (2022, p. 36) confrontou esses conteúdos com as conceituações de autores de relevo na pesquisa de jornalismo no Brasil e concluiu que eles não conseguem atingir os conceitos e as características esperadas para o jornalismo. As notícias automáticas foram consideradas com baixa qualidade de apuração e redação e não apresentavam citações diretas e indiretas de entrevistados. Franganillo (2023, p. 5) partilha da mesma conclusão, ao afirmar que, “pelo menos hoje, os artigos redigidos por um modelo tendem a ter textos assépticos, impessoais e algo superficiais, carecendo de contexto, de narrativa e de comentário de uma pessoa especialista no ambiente”.

Canavilhas (2023) aponta a transparência do jornalismo em relação ao uso das ferramentas generativas como uma questão importante, considerando que, cada vez mais, elas se inserem nos processos de produção jornalística, o que diferencia o momento atual do anterior, quando essas inovações se concentravam mais nos processos de impressão ou de distribuição. Um levantamento feito por Cools e Diakopoulos (*apud* CANAVILHAS; BIOLCHI, 2024), até julho de 2023, identificou que apenas 21 organizações de jornalismo tinham divulgado orientações sobre o uso de IA. Os autores registram que a BBC foi uma das pioneiras na elaboração de orientações sobre a IA, tendo-as publicado em 2021.

No Brasil, o Estadão (“Estadão [...]”, 2023), a Folha de São Paulo (“Jornalismo [...]”, 2024) e a Globo (“Grupo [...]”, 2024) já tomaram a iniciativa de produzir documentos de autorregulamentação da IA. Dessa forma, procuram criar condições para absorver essas ferramentas sem afetar ainda mais a confiança do público, já abalada desde o surgimento das mídias digitais e das redes sociais. O Digital News Report, pesquisa periódica do Reuters Institute, revela que, de 2015 a 2024, a confiança dos pesquisados nas notícias caiu de 62% para 43% (CARRO, 2024), índice que se coloca como um alerta importante para o segmento.

Direito à comunicação: novas questões

Como pensar o direito à comunicação diante deste novo momento de desenvolvimento comunicacional e computacional que vivemos? A emergência do direito à comunicação surge no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) nos anos de 1970, quando a entidade elaborou uma crítica à concentração dos meios de comunicação (limitados, então, à televisão, ao rádio e aos jornais) em nível internacional. Antes, apenas o direito à informação era mencionado como essencial para o acesso à cidadania e à vida democrática. O relatório MacBride, intitulado: “*Um Mundo, Muitas Vozes*”, publicado em 1980 pela Unesco (LADEIRA, 2012), é considerado o documento inaugural dos movimentos em torno do direito à comunicação, uma vez que coloca a necessidade de sua democratização para dar voz a inúmeras nações e segmentos sociais que permaneciam submetidos à mídia dominada pelo Norte global.

O surgimento da *internet*, no final do século passado, estimulou a construção de um cenário diferente e começou a constituir um novo

modelo, em que a comunicação deixava de funcionar segundo os princípios da escassez – de meios e de produtores de informação – e passava para o excesso. Escassa se tornou a atenção dos indivíduos para tantos conteúdos produzidos por uma multidão conectada. Essa mudança de matriz trouxe uma série de questões, inclusive sobre o alcance do conceito do direito à comunicação. Se, antes, se podia pensar tratar-se apenas de um problema de acesso ao sistema midiático para a produção de informações, hoje essa perspectiva se mostra limitada diante dos problemas que se constituíram com a chegada da hiperinformação e, em paralelo, da desinformação. A este cenário já complexo vêm se juntar os produtores maquínicos de conteúdos, capturando habilidades e capacidades que até então eram dos humanos e contribuindo para novas experimentações na produção de conteúdos com as habilidades próprias de um artifício digital, que pode incrementar o já saturado ambiente informacional.

Ambos os fenômenos, hiperinformação e desinformação, resultam de uma série de fatores, que podem ser atribuídos: (I) à forma hipersegmentada de distribuição das informações, baseada em dados e preferências individuais, por meio dos filtros-bolha, que isolam grupos de pessoas em bolsões midiáticos sem contradições ou visões múltiplas (PARISER, 2012); (II) à concentração das plataformas comunicacionais nas mãos de poucas empresas, que fazem do extrativismo e do manejo de dados sua principal fonte de capitalização (ZUBOFF, 2021); (III) à carência de regulação com princípios e regras, para que um ambiente comunicacional democraticamente saudável seja produzido; e (IV) à opacidade dos sistemas algorítmicos (DONEDA; ALMEIDA, 2018), entre outros.

É preciso também que se fale da necessidade de educação midiática, o chamado letramento digital e comunicacional dos usuários dos dispositivos de comunicação. Aos que defendem apenas esta como única alternativa para uma qualificação do sistema midiático atual, é importante lembrar que não se pode fazer recair sobre os usuários toda a responsabilidade pela seleção da infinidade de conteúdos excretados a cada instante pelas plataformas, mesmo que estes já tenham sido filtrados por algoritmos e por humanos. O letramento digital é de fato necessário para que se compreenda não apenas o funcionamento dos equipamentos, como também as responsabilidades e a ética necessária para atuar na produção comum de informações, do mesmo modo como

são requeridas habilidades e astúcias para a vida social como um todo. Mas é necessário também que sejam colocadas com ênfase as responsabilidades dos proprietários dos assistentes virtuais e das plataformas sobre os conteúdos que produzem e fazem circular, para além dos contratos com letrinhas miúdas que oferecem para concordância dos usuários.

O direito à comunicação se torna um conceito ainda mais importante, pois abrange um universo de questões maior, mais diverso e complexo do que o da comunicação analógica, o que exige que sua agenda seja atualizada pelas dinâmicas advindas do avanço tecnológico e das mudanças do contexto social e político. É preciso que novos pactos sejam construídos sem deixar de lado as bandeiras já levantadas antes em torno da democratização da comunicação, tais como: (I) a necessidade de regulação e de desconcentração do poder no âmbito das mídias digitais; (II) a transparência dos algoritmos tradicionais e a dos referentes às IA generativas; (III) os critérios para a seleção de bases de dados em que são treinados; (IV) as responsabilidades dos provedores de assistentes digitais e de mídias sociais; e (V) a necessidade de um projeto de IA que contemple as questões da soberania nacional e da diversidade social, além da educação midiática e do incentivo a todas as formas de promoção de uma comunicação de qualidade para uma sociedade mais justa.

Considerações finais

O que, afinal, estão nos dizendo os robôs? Entre outras coisas, estão nos dizendo que vieram para ficar e que nós, humanos, precisamos entender que já não teremos os mesmos papéis que tivemos outrora. Os robôs que começaram a chegar na terceira década deste século XXI estão afirmando seu amplo potencial de sociabilidade e inserção nas relações humanas, impactando várias áreas da comunicação e da condição humana. Trazem também desafios que exigem a mobilização de esforços para a compreensão das dimensões epistemológicas, ontológicas e políticas que se colocam diante dessa nova forma de estar no mundo, com uma inteligência aderida a máquinas, capaz de realizar inúmeras tarefas que já foram totalmente humanas.

Os robôs também estão dizendo que é preciso não ignorarmos o peso que têm e terão no futuro. Eles, que já estavam entre nós, mesmo que de forma discreta, quase invisível, agora se colocam abertamente, nos

indagando sobre nossas convicções a respeito da natureza da humanidade e do papel que já ocupam e ocuparão. Colocam questões, por exemplo: (I) sobre o futuro do trabalho e das condições de sobrevivência em uma sociedade cada vez mais dependente da produção robótica; (II) sobre as novas formas de subjetivação-sujeição; (III) sobre a construção da política e dos regimes de governo; e (IV) sobre a produção da vida em comum. O campo da comunicação como um espaço gerador de vínculos sociais é um dos mais interpelados, pois nele atuam diversas forças, que precisam ser conduzidas para o fortalecimento de valores voltados para a construção do bem comum, do interesse público, da cidadania, da democracia e da ampla participação e inclusão social.

A pesquisa aqui realizada não traz a ambição de encerrar o debate em torno dessas questões tão amplas e profundas, pois apenas tem o propósito de fazer este “reconhecimento de campo” inicial. Foi possível observar, como demonstrado, que as mudanças já estão acontecendo e que é necessária uma atualização constante dos nossos conhecimentos, além de inquirir mais uma vez os conceitos que nos mobilizam, para que possamos dar conta de assegurar, às gerações que chegam, a possibilidade de que se mantenham pensantes em um ambiente que mais e mais “*hackeia*” nossas capacidades intelectuais.

Referências

ADAMOPOULOU, E.; MOUSSIADES, L. An Overview of Chatbot Technology. In: **Ifip International Conference on Artificial Intelligence Applications and Innovations**, Greece, 2020: Springer, Cham, 2020, p. 373-383. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-49186-4_31>. Acesso em: 17 out. 2024.

AHMADI, A. Unravelling the Mysteries of Hallucination in Large Language Models: Strategies for Precision in Artificial Intelligence Language Generation. **Asian Journal of Computer Science and Technology**, v. 13, nº 1, p. 1-10, 18 mar. 2024. Disponível em: <<https://ajcst.co/index.php/ajcst/article/view/4144>>. Acesso em: 17 out. 2024.

ALVES, Artur. Notas sobre o conceito de Singularidade Tecnológica. **Argumentos de Razón Técnica**, nº 11, p. 57-70, 31 dez. 2008.

BELL, E. J. et al. A imprensa nas plataformas: como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. **Columbia Academics Commons**, p. 48-83,

2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>>. Acesso em: 17 out. 2024.

BERNARDI, G. Limites absolutos ou relativos para a substituição de postos de trabalho por inteligência artificial? **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 26, nº 2, p. 109-124, 9 set. 2024. Disponível em: <<https://ufs.emnuvens.com.br/eptic/article/view/20833>>. Acesso em: 16 out. 2024.

BONALDO, Rodrigo Bragio. História mais do que humana: descrevendo o futuro como atualização repetidora da Inteligência Artificial. **História (São Paulo)**, v. 42, p. e2023037, 11 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/WbLs9ZhxbKKvD69smKVQ3Vh/?lang=pt>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRAZ, M. V. Heteromação e microtrabalho no Brasil. **Sociologias**, v. 23, p. 134-172, 20 set. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/wVd58kNBf4rN4NQxYWk6FtB/>>. Acesso em: 17 out. 2024.

CAMAZANO, P. **Saiba tudo sobre os ataques golpistas de 8 de janeiro, 07/02/2023, Poder, Folha**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2024.

CANAVILHAS, J. Produção automática de texto jornalístico com IA: contributo para uma história. **Textual & Visual Media**, v. 17, nº 1, p. 22-40, 28 jun. 2023. Disponível em: <<https://textualvisualmedia.com/index.php/txtvmedia/article/view/319>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CANAVILHAS, J.; BIOLCHI, B. Inteligência Artificial e Transparência no Jornalismo. **Mídia e Cotidiano**, v. 18, nº 2, p. 43-64, 29 maio 2024. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/62654>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CARRO, R. **Brazil | Reuters Institute for the Study of Journalism**. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/brazil>>. Acesso em: 23 set. 2024.

DIAS, M. C. P. Cognição e modelos computacionais. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, v. 4, nº 1, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25330>>. Acesso em: 18 set. 2024.

DONEDA, D.; ALMEIDA, V.A.F. O que é a governança de algoritmos? In: BRUNO, Fernanda et al. **Tecnologias da vigilância: a perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 141-148.

Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja. Estadão, 21 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/link/estadao-define-politica-de-uso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-por-seus-jornalistas-veja/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

FINCATO, D. P.; LEMONJE, J. C. Microtrabalho e Inteligência Artificial: Desafios à Fruição da Dignidade Humana em Meio à Aprendizagem de Máquina. **Direito Público**, v. 18, nº 100, 2021.

FRANGANILLO, J. La inteligencia artificial generativa y su impacto en la creación de contenidos mediáticos. **Methaodos.revista de Ciencias Sociales**, v. 11, nº 2, p. m231102a10-m231102a10, 13 set. 2023. Disponível em: <<https://www.methaodos.org/revista-methaodos/index.php/methaodos/article/view/710>>. Acesso em: 9 out. 2024.

Greve dos atores de Hollywood chega ao fim após quase quatro meses de mobilização. G1, Rio de Janeiro. 8 nov. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2023/11/08/greve-dos-atores-em-hollywood-chega-ao-fim.ghtml>>. Acesso em: 17 out. 2024.

Grupo Globo atualiza princípios editoriais para incluir orientações sobre inteligência artificial. G1, Rio de Janeiro, 27 jun. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2024/06/27/grupo-globo-atualiza-principios-editoriais-para-incluir-orientacoes-sobre-inteligencia-artificial.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2024.

Invasão do Capitólio dos EUA completa três anos neste sábado (6); relembre | CNN Brasil. 6 jan. 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-do-capitolio-dos-eua-completa-tres-anos-neste-sabado-6-relembre/>>. Acesso em: 17 out. 2024.

Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância. Folha de São Paulo, 26 mar. 2024 Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/manual-de-redacao-conduta/inteligencia-artificial.shtml>>. Acesso em: 18 out. 2024.

KATZENBACH, C. “AI Will Fix This” – The Technical, Discursive, and Political Turn to AI in Governing Communication. **Big Data & Society**,

v. 8, nº 2, p. 20539517211046182, 1 jul. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/20539517211046182>>. Acesso em: 18 out. 2024.

KEMP, S. **Digital 2024a**. London, 31 jan. 2024. Disponível em: <<https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>>. Acesso em: 23 set. 2024.

LADEIRA, J. M. O Relatório MacBride e a gênese do debate internacional sobre trocas desiguais nas indústrias de comunicação. **Revista FAMECOS**, v. 19, nº 3, p. 666-680, 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/12892>>. Acesso em: 9 set. 2024.

LAURITO, W.; DAVIS, B.; GRIETZER, P.; GAVENCIK, T.; BÖHM, A.; KULVEIT, J. **AI AI Bias. Large Language Models Favor Their Own Generated Content**. [S.l.]: arXiv. 9/Jul/2024. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/2407.12856>>. Acesso em: 23 set. 2024.

MOROZOV, E. **Big Tech, a ascensão dos dados e a morte política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PINTO, M. C.; BARBOSA, S. O. Artificial Intelligence (AI) in Brazilian Digital Journalism: Historical Context and Innovative Processes. **Journalism and Media**, v. 5, nº 1, p. 325-341, mar. 2024. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2673-5172/5/1/22>>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SILVA, T.; RODRIGUES, F. **Artificial Intelligence and Racial Discrimination in Brazil: Key Issues and Recommendations**. Belo Horizonte: Institut for Research on Internet and Society, 2024.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil**. 1ª edição, Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2021.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. 1ª edição, Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

VASWANI, Ashish et al. **Attention is all you need**. [S.l.]: arXiv. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/1706.03762>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Desordem informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas**. 1ª ed., Campinas (SP): UNICAMP, 2023.

ZANDOMÊNICO, R. Inteligência Artificial e Jornalismo: implicações na redação de notícias e na aquisição do conhecimento. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, v. 9, nº 2, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21397>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

ZHOU, M.; ABHISHEK, V.; DERDINGER, T.; KIM, J.; SRINIVASAN, K. et al. **Bias in Generative AI**. [S.l.]: arXiv, 2024. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/2403.02726>>. Acesso em: 23 set. 2024.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. 1ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Intrínseca, 2021.